

## FLORBELA ESPANCA, *DIÁRIO*: ALTERNATIVAS MODERNISTAS\*

FLORBELA ESPANCA, *DIÁRIO*: MODERNIST ALTERNATIVES

*Helena Carvalhão Buescu*

Centro de Estudos Comparatistas

Universidade de Lisboa

### RESUMO

A hipótese que coloco é que Florbela Espanca deve ser lida, hoje, de uma forma diferente da que a sua contemporaneidade o fez. O exacerbado sentimentalismo provém de uma identidade tão insegura e múltipla como a que os primeiros modernistas, sobretudo Sá-Carneiro, a entenderam. Assim, “ser mulher” é também uma máscara equivalente às de todos os outros modernistas, e o seu suicídio apenas um ponto culminante desta situação. A leitura do *Diário* (póstumo) do seu último ano de vida argumenta precisamente a interpretação de “alternativas modernistas” que em Florbela Espanca, como em outros autores, se manifestam.

*Palavras-chave*: Florbela Espanca, alternativas modernistas, máscara

### ABSTRACT

The hypothesis I propose in this study is that Florbela Espanca must be read today within a different hermeneutical context than that of her contemporaries. Her exacerbated sentimentalism has its origins in an insecure and multifaceted identity, much akin to first modernism, as clearly seen, for

\* Este texto não obedece ao AO90, ao abrigo do Código dos Direitos de Autor.

instance, in Sá-Carneiro. Therefore, “being a woman” is also a mask equivalent to those of other modernists, and her suicide merely the culmination of this situation. The reading of the posthumous *Diário* of her last year thus argues for the interpretation of “alternative modernists” that in Florbela Espanca, as in other authors, are also discernible.

*Keywords:* Florbela Espanca, modernist alternatives, mask

Temos perante nós um breve *Diário*, o único que Florbela Espanca escreveu, e em que, como veremos, o esperável conteúdo fragmentário, proporcionado pela divisão das entradas que o compõem, se associa mais a um género reflexivo do que a uma possível dominância narrativa. Trata-se do diário do último ano da sua vida, começando a 11 de Janeiro de 1930 e terminando a 2 de Dezembro do mesmo ano, meros seis dias antes do suicídio de Florbela. O silêncio, por ausência de publicação, que envolveu este *Diário* foi grande: na realidade, apenas foi publicado, pela mão de Natália Correia, 51 anos depois, em 1981, surgindo sob o título *Diário do último ano seguido de um poema sem título*. Rui Guedes voltou a publicar o *Diário* em 2000, desta feita agrupando-o com os contos da autora, sendo a obra intitulada *Contos e Diário*. Relevemos, pois, na história da edição deste volume, não apenas o seu carácter póstumo, mas a distância da posteridade que o publica. Como se durante 50 anos nunca ninguém tivesse considerado significativa a sua existência – e, no entanto, ele diz muito sobre a poesia de Florbela, dizendo também muito sobre a sua arte poética, que não se confina à poesia ela mesma.

Algumas constatações iniciais se impõem: é um magro diário, abrangendo apenas algumas páginas e 32 entradas, de extensão diferente mas, na sua maioria, muito curtas. Mesmo tendo em conta que ele se refere apenas a um ano (na realidade, 11 meses), é um texto

que se caracteriza pela sua escassez, cujas características discursivas não reflectem aliás nem homogeneidade nem equilíbrio. Antes pelo contrário: a sua composição diversificada aponta sobretudo para um projecto que se inicia e depois *vai acabando*, e para uma articulação curiosa e paradoxal entre apontamento autobiográfico e diarístico, por um lado, e narrativa, por outro. Não porque se “contem” episódios, justamente (apenas dois fragmentos se aproximam da notação autobiográfica) – este *Diário* é como atrás se disse sobretudo reflexivo, e desta questão nos ocuparemos nestas linhas introdutórias. Mas porque a sua estrutura e em especial o *seu decorrer* manifestam um subtexto narrativo, paradoxalmente sem episódios, que contextualmente se articula com o facto de ser este o diário do último ano da vida de Florbela. Embora nunca falando explicitamente do suicídio, ou sequer aludindo a essa possibilidade, trata-se de uma escrita que oscila entre o sentido da vida e o sentido da morte, ambos obscuros, e que reflexivamente se vai aproximando desta última, até pela progressiva exiguidade dos fragmentos diarísticos que a compõem.

O projecto de que atrás falei é sobretudo (mas não totalmente) equacionado no 1.º fragmento do *Diário*, datado de 11 de Janeiro de 1930, aliás de forma retoricamente irrepreensível. Começa pela construção do interlocutor (“Para mim? Para ti? Para ninguém.”). Continua colocando o fundo da tópica diarística (o tempo na sua relação com a existência subjectiva de quem escreve): “Nas horas que se desagregam, que desfilio entre os meus dedos parados, sou a que sabe sempre que horas são, que dia é, o que faz hoje, amanhã, ou depois. Não sinto deslizar o tempo através de mim, sou eu que deslizo através dele com a consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura?”. E termina voltando a remeter para uma *ideia* de um leitor póstumo, a quem talvez fosse dado transformar a opacidade destes escritos numa nova forma de autognose (mesmo se também ela póstuma):

Quando eu morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: conhecer-me.

Este *Diário* é por isso também uma *forma breve*, cujo carácter de brevidade vai sendo acentuado quer pelo progressivo espaçamento das entradas, quer pela também progressiva exiguidade de cada uma delas: metade do *Diário* diz respeito ao mês de Janeiro e início de Fevereiro, enquanto a segunda metade abrange tudo o resto, até 2 de Dezembro. Florbela escreve de forma cada vez mais intervalada, e cada vez menos extensa. Deriva isto seguramente da forma como define a sua vida, logo no 1.º fragmento: “*attendre sans espérer*”. O certo é que em Janeiro, mês em que inicia, no dia 11, o seu *Diário*, Florbela redige 9 entradas, das mais longas do seu texto; seguem-se Fevereiro (8); Março (2); Abril (2); Maio (1); Julho (1); Agosto (1); Setembro (2); Outubro (1); Novembro (4); e Dezembro (1). É em Novembro e Dezembro que escreve as suas entradas mais lacónicas, mas também talvez mais poderosas: no dia 15 de Novembro, “Não, não e não!”; a 2 de Dezembro redige a sua entrada final, “E não haver gestos novos nem palavras novas!”. Seis dias depois, suicidava-se.

Estas duas entradas podem dar-nos o mote para os grandes temas que atravessam este *Diário*. Por um lado, o reconhecimento e o orgulho, relativamente à sua capacidade de afirmação e diferença, que Florbela faz ancorar num *desejo absoluto de verdade*:

Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou *Eu*? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes

e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de “Gata Borrallheira” e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundos queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!... (19 de Fevereiro)

Este carácter de aristocracia existencial, aliás também comum a muitos dos nossos maiores escritores da época (lembrem-se entre outros António Nobre, Mário de Sá Carneiro – mesmo se por denegação -, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, em particular Álvaro de Campos e o ortónimo), faz com que Florbela se aproxime de uma das preocupações e temas essenciais nas obras desses autores, a que glora a incompatibilidade entre pensar e viver, levando no limite a uma concepção disjuntiva das duas experiências humanas. Florbela é claríssima a este respeito, e por isso este *Diário* constitui uma peça-chave para a compreensão da sua poética, e em meu entender para a possibilidade de rever a sua obra à luz do pensamento modernista, contemporâneo de Florbela:

Ponho-me, às vezes, a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah, não! Existe outra coisa... mas o quê? Afinal, para que pensar? Viver é não saber que se vive. Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e de neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme, e só se encontra o que se não procura. Porque me não esqueço eu de viver... para viver? (20 de Abril)

Poderia dizer-se, na recepção tradicional de Florbela e da sua poesia, que se trata de um problema emocional (e voltaremos abaixo

à questão das emoções). Pois bem, não é. É um problema de linguagem e, por isso, um problema de consciência – simultaneamente existencial e poético. Não pode deixar de se ter em conta por exemplo este fragmento, entre outros, para entender o carácter auto-reflexivo da poética florbeliana, que estas palavras limpidamente descrevem. Que elas se exprimam preferencialmente através de um vocabulário da área das emoções é por assim dizer um acidente de percurso, que podemos relacionar por exemplo com António Nobre e a forma como também nele tem sido necessário defender uma poética revisionista e claramente mais afim do distanciamento modernista, que prefere máscaras, *alter egos* e duplos alternativos à mostraçãõ espontânea e imediatista do eu.

Não nos deixemos enganar, pois, por autores como Florbela ou Nobre: porque é esta mesma concepção que está também na base da reacção simétrica de Sá Carneiro e das máscaras de que pôde dispor (o Cobra...), e que igualmente se encontra implicada no seu suicídio. As manobras de auto-derisão sá-carneirianas não nos devem ofuscar para o peso de uma consciência daquele que sabe que um dos modos, talvez o mais importante, de estar *acima* dos outros é estar *abaixo* dos outros. O que se ganha em pensamento e consciência de si e do mundo perde-se, e como, na capacidade de vida e existência quotidiana, quando estas parecem ser sólidas e não-problemáticas. É ainda esta mesma incompatibilidade que naturalmente ocupa toda a poética pessoana, que encontra (com maior ou menor distanciamento) nos seres impensantes, e ao modo de Nietzsche, os únicos capazes de serem felizes: *et pour cause*. Os dois fragmentos florbelianos dedicados, neste *Diário*, aos olhos do seu cão respondem aos gatos pessoanos, porque o que está acima da vida está condenado a (querer) estar abaixo dela. E, no entanto, ainda neles encontramos laivos da inquietude das coisas que tanto assombrou Antero de Quental:

Os olhos do meu cão enternecem-me. Em que rosto humano, num outro mundo, vi eu já estes olhos de veludo doirado, de cantos ligeiramente macerados, com este mesmo olhar pueril e grave, entre interrogativo e ansioso? (13 de Janeiro)

O olhar de um bicho comove-me mais profundamente que um olhar humano. Há lá dentro uma alma que quer falar e não pode, princesa encantada por qualquer fada má. Num grande esforço de compreensão, debruço-me, mergulho os meus olhos nos olhos do meu cão: tu que queres? E os olhos respondem-me e eu não entendo... Ah, ter quatro patas e compreender a súplica humilde, a angustiosa ansiedade daquele olhar! Afinal... de que tendes vós orgulho, ó gentes?... (22 de Fevereiro)

Por outro lado, o segundo tema (transversal também a toda a obra de Florbela, em particular a sua poesia, e também ele relacionado com o primeiro tema de que acima falámos) coloca o *problema* da relação entre vida e linguagem. Não se trata de uma relação límpida e natural (fosse o que fosse que isto pudesse querer dizer). Em primeiro lugar, o que faz de ambas, vida e linguagem, um problema (recorde-se a última entrada do *Diário*, “E não haver gestos novos nem palavras novas!” ) é o seu carácter finito, incapaz de recriar e representar a eterna novidade da experiência, que Cesário Verde magistralmente caracterizou em *O sentimento dum Ocidental*. Em segundo lugar, e como Florbela lucidamente aponta, as palavras não têm uma relação absoluta com a verdade: “Tão pobres somos que as mesmas palavras nos servem para exprimir a mentira e a verdade!” (16 de Julho). Por isso a linguagem, qualquer linguagem humana, é o desejo dela e simultaneamente o seu limite ou a sua impossibilidade: o desejo de “palavras novas” e a consciência de que elas na verdade não existem, não podem existir.

Tem-se falado muito (a meu ver, demais) das emoções de Florbela. Esquece-se, entretanto, que essas emoções são, para glosar uma frase conhecida sobre a personagem, também elas “seres de papel”. Isto é, e como veremos seguidamente, são “emoções de linguagem”, construídas sobre aquilo a que a própria Florbela chama, no seu *Diário*, a sua “necessidade de fazer frases”, curiosamente referindo-se a todas as suas cartas de amor. Esta observação desde logo nos aconselha cautela na aceitação da leitura espontânea das emoções de uma mulher que traria para a poesia portuguesa uma perspectiva menos cerebral – porque uma coisa é, como vimos Florbela dizer, a experiência e outra, muito diferente, a linguagem que a (não) representa.

É esta a razão também pela qual se pode igualmente compreender mais este ponto decisivo de contacto entre a poesia florbeliana e a *máscara modernista*, tantas vezes não só colocadas em confronto como até consideradas opostas uma à outra. Pensemos na máscara modernista quer na sua vertente auto-derisória e auto-fustigante de Sá Carneiro, quer na desmultiplicação heteronímica que objectiva o desejo de “outrar-se”, no dizer de Pessoa – e poderíamos encontrar vários fragmentos muito significativos, neste *Diário* de Florbela, a este respeito. É que também nela, na sua poética, perpassa este mesmo desejo de outridão, que é na realidade a verdadeira causa da incapacidade de viver e, na verdade, de escrever (cf. de novo a última entrada desta obra). É por esta razão que a poética (neste caso, a poética diarística) de Florbela Espanca não pode ser lida *isoladamente*, argumentando-se o seu carácter absolutamente singular. Este carácter singular existe, mas não pode ser compreendido se lido fora do *ethos* modernista daqueles que foram, de uma ou outra forma, os seus contemporâneos.

Impõe-se, pois, o desenvolvimento revisionista da obra de Florbela Espanca, reconhecendo nela não tanto a exaltada representante de um Romantismo serôdio e excessivo mas, pelo contrário, a

poeta capaz de encontrar uma forma alternativa (pois na verdade cada poeta tem a sua, de Pessoa a Sá Carneiro, de Pessanha a Nobre) de dar conta de formas de estranhamento que fundam a sua poesia e a sua capacidade de reflectir sobre ela. A minha proposta é, pois, que leiamos este *Diário* como um texto meta-reflexivo, em que Florbela se ocupa mais de pensar sobre a sua poesia do que de se representar figurativamente como pessoa. Suicidou-se, sim. Mas talvez esse tenha sido o gesto último de alguém que, por todas as formas ao seu alcance, tentou encontrar o ponto de fuga a uma excessiva pessoalidade, adoptando a máscara da excessiva pessoalidade. O paradoxo de uma vida destinada à morte.

A minha proposta, pois, é que compreendamos este excesso como ainda uma forma, alternativa, dos problemas modernistas com a pessoalidade – porque aquilo que em Florbela é excessivo torna-se, por isso mesmo, um modo de encenar o discurso e de teatralizar o que, na interpretação da sua obra, vulgarmente passa apenas por psicologia:

Chuva, vento, dores, tristeza... e sempre a Florbela, a Florbela, a Florbela!! Gostaria de endoidecer: Carlos Magno ou Semíramis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, *Eu* seria outra, outra, outra! Não saberia sequer que os meus sonhos eram sonhos: o mundo estaria todo povoado de verdades. Os meus exércitos seriam meus, as minhas pedras preciosas seriam minhas; cóleras, pavores, lágrimas, gargalhadas, tudo isso seria realmente meu. E uma gota de água seria um astro, uma espiguinha de erva, uma seara, e um ramo de árvore, uma floresta. Ser doido é a única forma de *possuir* e a maneira de ser alguma coisa de firme neste mundo. (3 de Fevereiro)

#### REFERÊNCIAS

ESPANCA, Florbela (2007). *Diário*. Lisboa: Editalma.

